

Perfil Biográfico do
Padre Nicola Martino Capelli, scj
(1912 – 1944)

**“Missionário almejado,
mártir consumado”**

*“Ó Virgem, rainha dos mártires mexicanos,
concede-me que um dia seja também
eu mártir de Cristo Rei e teu,
Virgem Imaculada. Ó Mãe, confio que,
pela intercessão dos teus mártires,
mo concederás.*

*O teu filho, fr. Martino Capelli”
(Albino, 12-12-1931).*



Estas palavras, retiradas dos seus Escritos Espirituais, são conhecidas como o “*Pedido do Martírio*” que o Padre Martino Capelli escreveu no dia da festa de Nossa Senhora de Guadalupe, após se ter comovido ao ouvir uma conferência sobre os mártires do México. Estas palavras resumem a sua vida e a sua espiritualidade: uma vida vivida e doada pelos outros, seguindo os passos do próprio Jesus. Nestas palavras manifesta-se a sua vocação de mártire, no sentido mais profundo do termo e até às últimas consequências: imolar-se até ao fim por amor dos irmãos.

Infância

O Padre Martino Capelli nasceu em Nembro (Itália) a 20 de setembro de 1912, filho de Martino (1862-1925) e de Maria Teresa Bonomi (1873-1931), casada em segundas núpcias em 1902. Deste segundo casamento teve seis filhos,

sendo o último o futuro Servo de Deus, que foi batizado com o nome de Nicola Giuseppe. Frequentou a escola primária em Nembro (1918-1922) até completar a escolaridade obrigatória. A data do sacramento da Confirmação coincidiu com o aniversário da coroação de Nossa Senhora das Dores, no Santuário do Zuccarello, a 8 de agosto de 1920.

Aos doze anos, entrou na Escola Apostólica do Sagrado Coração de Albino, próxima da sua localidade, onde os Dehonianos, desde 1907, tinham erigido um seminário menor. Ali, Martino frequentou todo o ciclo de estudos do ensino médio.

Vocação religiosa e sacerdotal

De Albino passou para Albisola Superiore, no noviciado dehoniano junto ao Santuário Mariano da Paz, fazendo a primeira profissão a 23 de setembro de 1930 e assumindo o nome religioso

do seu falecido pai, Martino Maria. Prosseguiu a formação religiosa e acadêmica no Escolasticado Missionário de Bolonha, onde frequentou os últimos três anos do liceu e o ciclo em filosofia.

Após o primeiro ciclo do liceu, Martino foi transferido para Albino. Nesse ano viveu experiências marcantes, destacando-se a sua participação na conferência do padre Luigi Ziliani, fugido do México, sobre as perseguições religiosas que ali decorriam. Foi na sequência desta experiência que o jovem religioso formulou este pedido: "À Virgem dos mártires mexicanos, que um dia seja também eu mártir de Cristo Rei e teu, Virgem Imaculada... Confio que mo concederás" (12.12.1931). Poucos dias depois, faleceu a sua mãe e ele escolheu a Senhora das Dores como a sua nova mãe: «Agora, ó Maria, sê também para mim uma mãe terrena».

Regressado a Bolonha, prosseguiu os estudos filosóficos e, a 23 de setembro de 1933, emitiu os votos perpétuos, consagrando-se ao Sagrado Coração de Jesus. Após um ano em Trento como prefeito de disciplina (1934-35), iniciou o curso de teologia em Bolonha, no Seminário Regional Bento XV, frequentando os três anos seguintes no Escolasticado, onde recebeu as ordens menores e, em 1938, o a ordenação sacerdotal. Celebrou a Primeira Missa solene em Nembro, no Santuário de Nossa Senhora do Zuccarello.

Formação em Roma

O anseio que o acompanhou durante todo o seu percurso formativo foi o de ser missionário e mártir. Ao concluir o quarto ano do curso de teologia, pediu aos superiores para partir em missão para a China. No entanto, com a guerra

prestes a eclodir, o seu destino acabou por ser Roma, onde frequentou o Instituto Bíblico durante dois anos. No terceiro ano, inscreveu-se no Ateneu da *Propaganda Fide*, obtendo, com distinção, a Licenciatura em Teologia.

Os horrores da guerra

Embora o Padre Martino desejasse terminar os seus estudos com a tese, a falta de professores no Escolasticado levou os superiores a decidirem de outra forma, transferindo-o provisoriamente para Castiglione dei Pepoli. Entretanto, a frente de guerra em Itália aproximava-se cada vez mais e, no verão de 1944, os alemães ocuparam o Escolasticado com a intenção de o transformar num hospital. Assim, não houve outra alternativa senão deslocar-se, pela segunda vez, para a aldeia de Burzanella. O Padre Martino, após três semanas de pregação, chegou à nova comunidade. A 18 de julho, os alemães cercaram a vila, queimaram as casas e capturaram cinco pessoas. Ele próprio presenciou o fuzilamento de dois "resistentes" (*partigiani*) na praça da igreja.

Em Pioppe di Salvaro

Poucos dias depois, o Padre Martino dirigiu-se a Salvaro para ajudar Monsenhor Fidenzo Mellini, que o convidara para o período de férias. Ali encontrou um bom amigo e irmão: o Padre Elia Comini, salesiano. Estabeleceu com ele um laço de sólida fraternidade sacerdotal e, juntos, ocuparam-se não só da pastoral ordinária, mas também do socorro às pessoas mais necessitadas daquela zona. Pode dizer-se que, naquele verão de 1944, o Padre Martino Capelli foi um autêntico missionário, pregando a palavra de Deus.

O Padre Martino empenhou-se em cuidar pessoalmente do povo de Deus sofredor: com ardente caridade, viva esperança e uma firme compreensão do ministério sacerdotal e das suas exigências. Mesmo encontrando-se, nos últimos meses de vida, longe da comunidade dehoniana, em Salvaro soube colocar-se à disposição das necessidades pastorais das pessoas com abnegação, socorrendo, ajudando, sustentando, guiando, encorajando e consolando. Ele e o Padre Elia viveriam juntos o tríduo do seu martírio.

Tríduo martirial

A 29 de setembro, uma sexta-feira, espalhou-se a notícia de que destacamentos das SS estariam a fazer rusgas na zona. A residência paroquial e a



igreja de Salvaro encheram-se imediatamente de pessoas aterrorizadas. O primeiro pensamento dos dois sacerdotes foi de colocar a salvo os homens, por serem estes os alvos mais comuns das represálias. Depois de terem celebrado a Missa, chegou um homem ofegante com a notícia de que, em Creda, tinham sido assassinadas famílias inteiras. O Padre Martino e o Padre Elia, resistindo às súplicas das mulheres que tentavam convencê-los a ficar, decidiram partir para junto daquele povo, a fim de lhes prestar ajuda e conforto espiritual. Mas, mal chegaram, foram detidos pelas SS e obrigados a carregar munições durante todo o dia. Perto do pôr do sol, foram conduzidos para estrebaria da fábrica de processamento de cânhamo, em frente à igreja de Pioppe di Salvaro.

No sábado, 30 de setembro, por volta do meio-dia, as SS e um oficial republicano, acompanhados por um traidor, efetuaram um interrogatório sumário com o objetivo de obter informações sobre os detidos e selecionar os homens aptos para trabalhar na Alemanha. O Padre Martino foi acusado de ter sido visto em San Martino, com o sacerdote Padre Ubaldo Marchioni, e isto bastou para o rotularem como "resistente"; o mesmo aconteceu ao Padre Elia Comini. Os dois sacerdotes, enclausurados numa pequena cela de detenção, compreenderam qual seria o destino que os aguardava. Houve quem os visse através da janela: o Padre Elia olhava para o céu, o Padre Martino rezava, mas nunca ninguém saberá o que foi para eles aquela noite de Getsémani.

Após dois dias de um cativeiro cruel, no domingo, 1 de outubro, a professora de Pioppe di Salvaro, Dina Pescio, conseguiu comunicar com os dois sacerdotes. O Padre Elia tentou confortá-la e depois abençoou-a. O Padre Martino não abriu a boca, mas fez um sinal de bênção e continuou



a rezar. Naquela tarde, os prisioneiros foram conduzidos à chamada "botte" (tanque), que regulava a água para a energia elétrica da fábrica, que naquele momento estava cheia de lama. A poucos metros foram posicionadas as metralhadoras. Ali, consumou-se a imolação de quarenta e quatro vítimas. O Padre Martino, depois de ser baleado e cair no tanque, levantou-se, proferiu algumas palavras e fez o sinal da cruz. Enquanto concedia esta última bênção, caiu de braços abertos. Tinha 32 anos.

Ninguém se pôde aproximar para prestar auxílio ou para sepultar os mortos, que ali permaneceram até que, restabelecido o fluxo da água no canal, todos foram arrastados pela corrente do rio Reno. Recuando a 8 de dezembro de 1932, Martino, então com vinte anos, escreveu a seguinte prece a Nossa Senhora: «Um dia, ó Mãe, voltaremos a ver-nos no leito de morte do meu martírio. Sim, serei sempre teu, inteiramente teu!». O leito de morte do Padre Martino foi o fundo lameiro do tanque de Pioppe. Ali, naquele lugar de tristeza, a Senhora da Dores aguardava-o para o conduzir, por fim, à luz e à paz do Senhor Ressuscitado.

Testemunha do amor e da reconciliação

No cemitério de Salvaro, encontram-se duas lápides em memória do Padre Elia e do Padre Martino. Nesta última, lemos as palavras que resumem o testemunho dos pastores de Monte Sole:

"Ninguém tem maior amor do que quem dá a própria vida.

Padre NICOLA MARTINO CAPELLI.

Revelou a sua vida na grandeza da sua morte.

Simplemente mártir".

Na sua caminhada para o martírio, consumada no dia 1 de outubro de 1944, ele demonstra ainda a capacidade de atrair para o bem, não hesitando em expor-se pessoalmente perante o perigo. Ao ser capturado, humilhado, preso e depois assassinado, o Padre Martino conserva uma postura de composta humildade, testemunho inequívoco da profundidade da sua vida de oração. Ele mantém viva a esperança no Céu: será ele a abençoar, num último gesto — já agonizante — aqueles que com ele tinham sido feridos e mortos pelas SS. Era o ato conclusivo de uma vida inteiramente dada, primeiro à formação para o sacerdócio e depois no ministério pastoral.

O Padre Martino reveste-se de uma clara atualidade como exemplo de religioso dehoniano que incarnou a vocação no sentido mais profundo e até às últimas consequências: imolar-se por amor dos irmãos até ao fim, mesmo quando a sua vida foi ameaçada e depois suprimida, simplesmente pelo sacerdócio que decidira incarnar.

É um modelo a seguir, um testemunho de vida dehoniana: derramou o seu sangue por amor ao Ressuscitado, como Sua testemunha; ofereceu toda a vida entregando-se como bom pastor do Coração de Jesus. Por fim, o Padre Martino ensina aos homens de hoje a lição do perdão para que sejam profetas do amor e servidores da reconciliação.

Oração

Senhor Jesus, Bom Pastor,
Nós te damos graças por
teres chamado
o Padre Martino Capelli
a viver na tua Igreja como religioso
e sacerdote,
consagrado ao teu Coração divino.

A sua missão foi testemunho
de virtude
e amor pelo teu Reino.
O seu martírio selou
a oblação de toda a sua vida.

Por intercessão do Beato
e Mártir Martino Capelli,
pedimos-Te, ó Coração de Jesus,
a graça de que necessitamos.

Confiamos-nos também a Nossa
Senhora das Dores,
em quem o nosso Beato
nos ensinou a confiar.
Ámen.



dehoniani

A quem obtiver graças e favores através da intercessão do Servo de Deus, Padre Martino Capelli, é pedido um relatório documentado para a POSTULAÇÃO SCJ.